

Myrthes Aparecida Adâmoli de Barros (310)

Esio Antonio Pezzato

Conheci Myrthes em fevereiro de 1980, semana seguinte à morte de seu irmão, o pintor Joca Adâmoli. Acontece que eu não conhecia pessoalmente ao Joca, nem ele a mim, claro, mas segundo Myrthes ele gostava de meus escritos e eu o conhecia apenas pelo nome e por meio de sua arte, pois Joca era e ainda é considerado um dos maiores pintores de nossa cidade.

Pois eu publiquei um soneto em homenagem ao Joca, e Myrthes me enviou um cartão de agradecimento e me convidava para uma visita em sua casa.

Na mesma tarde lá compareci e pude conhecer a Myrthes, que era professora, formada na [Esalq](#) e também ao seu marido, Dilermando e sua filha Myrna, eu conhecia do Sud Mennucci.

Dessa primeira visita, ganhei da Myrthes, em agradecimento ao soneto que eu havia feito ao Joca, uma obra de seu irmão famoso. Voltei para casa todo feliz. Era a primeira obra daquela que viria ser uma pequena coleção que trago hoje.

Myrthes me ensinou a ver a pintura de seu irmão. Juntos varávamos tardes inteiras den-



tro do atelier do Joca analisando obra por obra, vendo pinceladas, estudos de outras obras, momentos únicos de um gênio caipira.

E fui aprendendo a gostar mais da Myrthes a cada encontro, sempre regado a um cafezinho feito pela Dita, irmã do Mingão, que eu conhecia desde sempre, jogando bola no Oratório do Dom Bosco.

E conversas mil. E mil conversas. Às vezes, à noite, fazendo uma visita, lá estavam também Dilermando e Myrna, e horas voavam rapidamente entre boa prosa, e muita poesia. Impossível não se apaixonar pelo carisma dessa professora

Esalqueana, que tinha um sorriso encantador, magia nas palavras e nas atitudes.

Nossa amizade perdurou por duas décadas, quase, até sua morte repentina no final dos anos 90, portanto há quase vinte anos.

De tanta amizade ficaram alguns versos feitos em momentos únicos, algumas exposições do Joca, onde pude retribuir para Myrthes e Myrna e Dilermando, o carinho afetuosos.

Tenho em casa a primeira tela do Joca que Myrthes me presenteou. Tenho outras mais que embelezam minha casa. Em cada tela vejo um pouco do sorriso da Myrthes, um pouco de carinho da Myrna, ouço um pouco as canções de Zezé, ouço um pouco o marulhar de nosso Rio que de forma bravia, ainda resiste a tantos desmandos provocados pelas mãos e pela ganância do homem.

Muito do pouco que aprendi sobre a arte e a pintura tais ensinamentos foram me passados pela Myrthes. A saudade fica batendo em pancadas monocromáticas dentro da mente...

De tantos versos feitos, esse

soneto em homenagem a Myrthes, quando de sua partida para o oriente eterno, que deixo aqui dedicado para sua filha Myrna, seu genro e seus netos.

Saudade
(Para Myrna)

De ora em diante a saudade, a sepulcral saudade,/ Irá entoar tristonha, o seu macabro canto./ E dos olhos fará brotar amargo pranto,/ Na mais forte, mais triste e em toda a intensidade.//

E ela fará crescer a angústia - sem piedade,/ Pois gosta de mostrar o seu cinéreo manto.../ E quem sente esta dor (e ela dói tanto, tanto...)/ Leva-a no coração e esquecê-la, quem há de?!...//

Esta dor muita vez num instante aparece,/ E fica em seu refrão como sentida prece/ Porque se prende em nós em seus fortes agarros...//

E esta saudade que hoje o coração consome,/ E em nós põe tanta dor, eu chamo-a pelo nome:/ - Myrthes Aparecida Adâmoli de Barros!...//

Esio Antonio Pezzato é poeta e cronista caipira nato.
E-mail: esiopoeta@bol.com.br

